

JANE AUSTEN

ORGULHO E PRECONCEITO

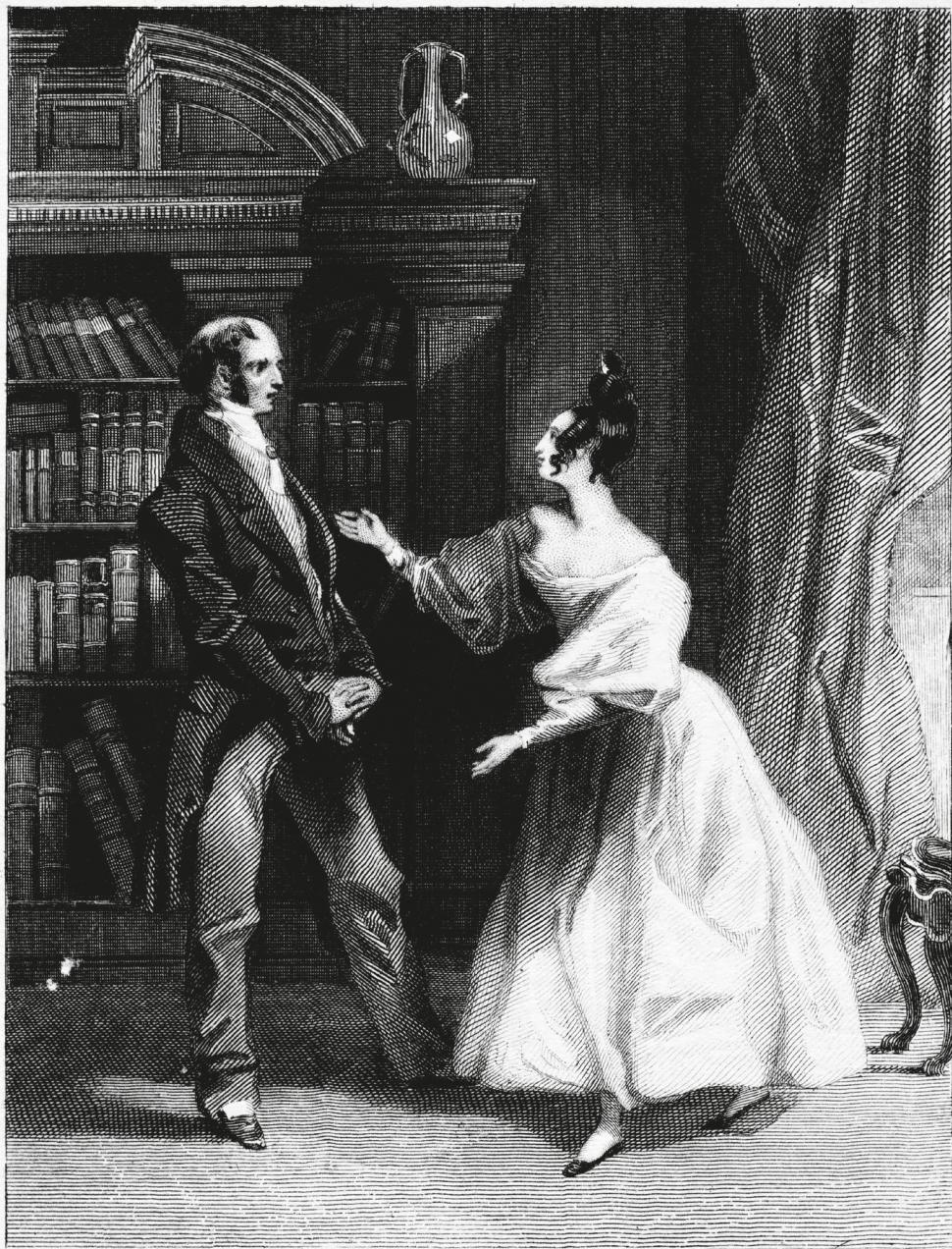
Veríssimo

JANE AUSTEN

ORGULHO E
PRECONCEITO

Tradução
NATHÁLIA RONDAN

Veríssimo



Pickering, pinxt

Greatbatch, sculpt.

Uma das primeiras ilustrações de *Orgulho e Preconceito*: Elizabeth conta a seu pai que Mr. Darcy foi o responsável por unir Lydia e Wickham.

O estilo das roupas reflete a década de 1830, época em que a ilustração foi feita, não a época em que o romance foi escrito ou ambientado.



Página de título da primeira edição ilustrada, em 1833.
Lady Catherine confronta Elizabeth sobre Mr. Darcy.

APRESENTAÇÃO

por Eduardo Levy

O título original do livro que você tem em mãos era *primeiras impressões*, as quais, como mostra a obra, quase sempre estão equivocadas. É natural, portanto, que equivocadas também estejam as primeiras impressões que temos deste livro. Pois *Orgulho e Preconceito* não é nem uma representação de um mundo antigo que remonta a uma realidade morta e enterrada nem um romance água com açúcar para adolescentes, mas uma das reflexões mais maduras e complexas da história sobre a natureza do amor. Como todo clássico, esta obra fala a todas as pessoas em todos os tempos: é de nós que *Orgulho e Preconceito* trata.

Uma breve pesquisa na internet revelará que “relacionamentos” é um dos principais temas nos debates. Quase sempre, esse discurso vem na forma de regras de conduta que, embora sejam muitas e variadas, têm um objetivo em comum: manipular o outro e não se deixar manipular por ele, sem nunca, jamais, em hipótese alguma, ficar numa posição vulnerável. Se por um lado, os relacionamentos são orientados por uma visão ácida e muitas vezes egoísta, grande parte das comédias românticas e os romances populares apresentam-nos uma visão ingênua e simplista do amor. Enquanto lê a obra, o leitor pode ficar com a impressão de que *Orgulho e Preconceito* partilha da visão cínica, ora de que partilha da visão ingênua, mas as duas impressões estão erradas.

A primeira frase do livro já confunde as impressões do leitor: “É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro dotado de fortuna deve estar à procura de uma esposa”. Trata-se, é claro, de uma ironia: a “verdade universalmente conhecida” não é nem conhecida, nem universal, nem verdadeira, mas apenas reflexo de um desejo de Mrs.

Bennet que, tendo cinco filhas solteiras que ficarão sem teto com a morte do pai, precisa desesperadamente encontrar-lhes maridos. A chegada de Mr. Bingley, “um jovem de grande fortuna”, a um casamento da vizinhança oferece a oportunidade perfeita para que pelo menos uma das moças desencanahe. Bingley será a estrela e o prêmio de um baile que acontecerá dentro de alguns dias.

O baile, porém, traz outra surpresa: Mr. Darcy, um amigo de Bingley que logo rouba-lhe todas as atenções. Além de ser mais rico que Bingley e vir de uma família melhor, Darcy também era, segundo as damas, “muito mais bonito” e chamava a atenção por “sua elegância e estatura alta, feições bonitas, aparência nobre”. Mas como as primeiras impressões costumam enganar, “seu comportamento causou tamanha repugnância que mudou o rumo de sua popularidade. Descobriu-se, por fim, que ele era orgulhoso, e nem toda a sua grande propriedade em Derbyshire poderia salvá-lo de seu semblante antipático e modos desagradáveis, tornando-o indigno de ser comparado com seu amigo”. Como se ainda não parecesse antipático o suficiente, Darcy faz questão de esnobar Elizabeth, uma das filhas de Mrs. Bennet. Instado pelo amigo a convidá-la a uma dança, já que ela estava sem par, Darcy responde nos seguintes termos: “Ela é tolerável; mas não é bonita a ponto de me atrair; e não estou disposto no momento a dar atenção a moças desprezadas por outros homens”. Temos aqui o retrato de um homem orgulhoso, preconceituoso e, em suma, insuportável.

Quanto a Elizabeth, sua humilhação é completa, pois ela ouve tudo. Mas a compaixão do leitor pela pobre moça esnobada dura pouco. À medida que as páginas correm, o veneno sarcástico de sua língua de víbora revela uma criatura que julga (e em

geral condena) a tudo e a todos desde uma posição de superioridade olímpica que provém de um orgulho sem limites e resulta em preconceitos sem fim. A impressão é que Elizabeth não é menos insuportável que Darcy: que os dois fiquem juntos, pressentimos, é uma espécie de justiça cósmica, pois eles se merecem.

Mais uma vez, entretanto, as impressões que temos dos personagens da obra estão tão erradas quanto as que eles têm uns dos outros. O que o desenvolvimento da trama mostrará é que Darcy e Elizabeth são muito mais complexos e profundos do que supõem as nossas vãs primeiras impressões. Para que o amor possa surgir entre eles e dar frutos, ambos terão de lutar contra o orgulho e o preconceito que de fato têm e, superando-os, superar a si mesmos. *Orgulho e Preconceito* abarca, inverte e transcende todos os clichês sobre relacionamentos e amor: em vez de mudar o outro, Darcy e Elizabeth mudam a si mesmos; longe de brotar de uma sensação prazerosa imediata, o amor entre eles é resultado de um lento crescimento moral provocado por

uma antipatia mútua; antes de proceder de um esforço para conquistar o outro, advém da admiração moral mútua de duas pessoas que conquistaram a si mesmas.

Só quando vencem o próprio orgulho e o próprio preconceito, indo além das primeiras impressões, é que Darcy e Elizabeth se tornam aptos a dar e a receber amor. Aqui não se trata nem de “encontrar a pessoa certa” nem de conquistá-la, mas de tornar-se uma pessoa certa e conquistar a si mesmo. Em *Orgulho e Preconceito*, o amor é resultado do amadurecimento e do crescimento moral: não é um produto da conquista do outro, mas o prêmio pela conquista de si mesmo.

Sob a forma de uma história divertida e perspicaz, a obra faz uma das reflexões mais profundas da história sobre a natureza do amor. O leitor farto da superficialidade com que se fala do tema no nosso tempo descobrirá que este livro velho de dois séculos é de uma atualidade urgente. Pois como todo clássico, *Orgulho e Preconceito* não é do nosso tempo, mas de todos os tempos.

Capítulo 1

Uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro dotado de fortuna deve estar à procura de uma esposa.

Por mais que não se saibam dos sentimentos ou opiniões de tal homem ao adentrar pela primeira vez determinada vizinhança, essa verdade está tão bem enraizada na mente das famílias das redondezas que ele logo é considerado como propriedade legítima de uma ou outra de suas filhas.

— Meu caro Mr. Bennet — perguntou sua senhora para ele certo dia —, soube que Netherfield Park foi finalmente alugado?

Mr. Bennet respondeu que não.

— Mas foi — disse ela —, pois Mrs. Long acabou de vir aqui e me contou todos os detalhes.

Mr. Bennet não respondeu.

— Quer saber quem é o inquilino? — exclamou a esposa, impaciente.

— *Você* quer contar e eu não tenho objeções em ouvi-la.

Essa abertura foi o suficiente.

— Ora, meu querido, deve saber que Mrs. Long diz que Netherfield foi tomada por um jovem do norte da Inglaterra, de grande fortuna; que ele chegou na segunda-feira em uma carruagem puxada por quatro cavalos para ver o lugar e ficou tão encantado que fechou com Mr. Morris de imediato; que ele deve instalar-se antes da Festa de São Miguel, e alguns de seus criados chegarão na casa até o final da próxima semana.

— Qual o nome dele?

— Bingley.

— Ele é casado ou solteiro?

— Ah! Solteiro, meu querido, naturalmente! Um homem solteiro de grande fortuna, quatro ou cinco mil libras por ano. Que coisa maravilhosa para nossas meninas!

— Como? Como isso as afeta?

— Meu caro Mr. Bennet — respondeu sua esposa —, como é enfadonho! Sem dúvida se deu conta de que penso em casar uma delas.

— Esse é o intuito dele ao vir para cá?

— Intuito! Bobagem, como pode falar assim! Mas é muito provável que ele se apaixone por uma delas e, portanto, você precisa visitá-lo assim que ele chegar.

— Não vejo motivo para isso. Você e as meninas podem ir, ou pode enviá-las sozinhas, o que talvez seja ainda melhor, pois já que é tão bonita quanto qualquer uma delas, Mr. Bingley pode vir a preferi-la.

— Meu querido, você me lisonjeia. Eu certamente já tive minha cota de beleza, mas não almejo ser nada demais agora. Quando uma mulher tem cinco filhas adultas, deve deixar de pensar em sua própria beleza.

— Nesses casos, uma mulher geralmente não tem muita beleza na qual pensar.

— Mas, meu querido, você realmente precisa ir ver Mr. Bingley quando ele chegar à vizinhança.

— É mais do que eu me comprometo a fazer, eu lhe asseguro.

— Mas pense em suas filhas. Imagine só que bom negócio seria para uma delas. Sir William e Lady Lucas estão determinados a ir, apenas por causa disso, pois em geral, você sabe, eles não visitam recém-chegados. Na verdade, você precisa ir, pois será impossível para *nós* visitá-lo, se você não o fizer primeiro.

— Você é muito escrupulosa, certamente. Atrevo-me a dizer que Mr. Bingley ficará muito feliz em

vê-la; e escreverei algumas linhas para que entregue a ele, assegurando-lhe meu sincero consentimento para que se case com a sua preferida entre as meninas; embora eu deva incluir algumas palavras de recomendação para minha pequena Lizzy.

— Gostaria que não fizesse isso. Lizzy não é melhor do que as outras; e tenho certeza de que ela não tem nem metade da beleza de Jane, nem metade do bom humor de Lydia. Mas você está sempre dando a *ela* preferência.

— Elas não têm muito a oferecer — respondeu ele —; são todas tolas e ignorantes como as outras moças; mas Lizzy tem algo a mais em termos de inteligência do que suas irmãs.

— Mr. Bennet, como pode falar assim de suas próprias filhas? Você tem prazer em me irritar. Não tem compaixão pelos meus pobres nervos.

— Está enganada, minha querida. Tenho grande apreço por seus nervos. Eles são meus velhos amigos. Ouvi você mencioná-los com consideração ao longo desses pelo menos vinte anos.

— Ah, não sabe como soffro.

— Mas espero que supere isso e viva para ver muitos jovens de quatro mil por ano virem para a vizinhança.

— Não nos servirá de nada se vierem vinte, já que você não os visitará.

— Pode apostar, minha querida, que quando vinte vierem, eu visitarei todos eles.

Mr. Bennet era uma mistura tão peculiar de astúcia, humor sarcástico, reserva e capricho, que a experiência de vinte e três anos fora insuficiente para que sua esposa conseguisse entendê-lo. A mente *dela* era menos difícil de se apurar. Era uma mulher de pensamento simplório, pouca instrução e temperamento incerto. Quando estava descontente, acreditava ter um ataque de nervos. A meta de sua vida era casar suas filhas; seu consolo eram visitas e novidades.

Capítulo 2

Mr. Bennet foi um dos primeiros a visitar Mr. Bingley. Sempre tivera a intenção de visitá-lo, embora à esposa afirmasse até o fim que não iria; e ela não soube disso até a noite posterior à visita. Foi então revelado da seguinte maneira: ao ver sua segunda filha ocupada ornamentando um chapeú, ele de repente dirigiu-se a ela com:

— Espero que Mr. Bingley goste dele, Lizzy.

— Não temos como saber do que Mr. Bingley gosta — disse sua mãe ressentida —, já que não iremos visitá-lo.

— Mas você esqueceu, mãe — apontou Elizabeth —, que nos encontraremos com ele nos bailes e que Mrs. Long prometeu apresentá-lo.

— Não creio que Mrs. Long fará tal coisa. Ela mesma tem duas sobrinhas. É uma mulher egoísta e hipócrita, e não tenho uma boa opinião sobre ela.

— Eu tampouco — disse Mr. Bennet —; e fico feliz em saber que você não depende dela para ajudá-la.

Mrs. Bennet nem se dignou a responder; mas, incapaz de se conter, começou a repreender uma de suas filhas.

— Pare de tossir assim, Kitty, pelo amor de Deus! Tenha um pouco de compaixão pelos meus nervos. Você os deixa em frangalhos.

— Kitty não tem discrição com sua tosse — disse o pai —; ela o faz em momentos inoportunos.

— Não estou tossindo porque é divertido — respondeu Kitty, irritada. — Quando será seu próximo baile, Lizzy?

— Dentro de duas semanas a partir de amanhã.

— Sim, é verdade — disse sua mãe. — E Mrs. Long não voltará até a véspera; então, será impossível que o apresente, pois ela mesma não o conhecerá.

— Então, minha querida, você poderá ter uma vantagem frente à sua amiga e apresentar Mr. Bingley a *ela*.

— Impossível, Mr. Bennet, impossível, já que eu mesma não o conheço; como pode ficar me provocando?

— Admiro sua prudência. Conhecer alguém por uma quinzena é certamente muito pouco. Não se pode saber quem um homem realmente é ao fim de quinze dias. Mas se *nós* não arriscarmos, alguém o fará; e, afinal de contas, Mrs. Long e suas sobrinhas devem ter uma chance; e, portanto, como ela pensará tratar-se de um ato de bondade, se você recusar o posto, eu mesmo o assumirei.

As meninas olharam para o pai. Mrs. Bennet disse apenas:

— Bobagem, bobagem.

— Qual pode ser o significado dessa exclamação enfática? — disse ele. — Você considera as formas de apresentação e a ênfase que é colocada sobre elas uma bobagem? Não posso concordar com você quanto a *isso*. O que acha, Mary? Pois você é uma jovem de profunda reflexão, eu sei, e lê grandes livros e faz anotações sobre eles.

Mary queria dizer algo muito sensato, mas não sabia como.

— Enquanto Mary organiza os pensamentos — continuou ele —, voltemos a Mr. Bingley.

— Estou farta de Mr. Bingley — exclamou sua esposa.

— Lamento ouvir *isso*; mas por que não me disse antes? Se soubesse disso esta manhã, certamente não o teria visitado. É um infortúnio; mas como eu realmente fiz a visita, não podemos voltar atrás agora.

O espanto das damas era exatamente o que ele desejava; o de Mrs. Bennet talvez superando as demais; contudo, quando o primeiro alvoroço terminou, ela declarou que já desconfiava há muito tempo.

— Que bondade a sua, meu caro Mr. Bennet! Mas eu sabia que acabaria por persuadi-lo por fim. Tinha certeza de que você amava suas meninas demais para negligenciar tal oportunidade. Ora, como estou contente! E é uma piada muito boa, também, você ter ido esta manhã e não dizer sequer uma palavra sobre isso até então.

— Agora, Kitty, pode tossir o quanto quiser — disse Mr. Bennet; e, enquanto falava, saiu da sala, fatigado pelo entusiasmo da esposa.

— Que pai excelente vocês têm, meninas — exclamou ela, quando a porta foi fechada. — Eu não sei como irão compensar sua bondade; nem eu também, para falar a verdade. Na nossa idade, posso lhes garantir, não é tão agradável fazer novas amizades todos os dias; mas pelo bem de vocês faríamos qualquer coisa. Lydia, meu amor, embora *seja* a mais nova, ousou dizer que Mr. Bingley dançará com você no próximo baile.

— Ah! — disse Lydia com firmeza: — Não temo; pois embora eu *seja* a mais nova, sou a mais alta.

O resto da noite foi passado em conjecturas de quanto tempo ele demoraria para retribuir a visita de Mr. Bennet e em determinar quando elas deveriam convidá-lo para jantar.

Capítulo 3

No entanto, nada do que Mrs. Bennet, com a ajuda de suas cinco filhas, pôde perguntar sobre o assunto foi suficiente para extrair de seu marido qualquer descrição satisfatória de Mr. Bingley. Elas o atacaram de várias maneiras — com perguntas descaradas, suposições engenhosas e conjecturas remotas —, mas ele se esquivou de suas táticas. Por fim,

foram obrigadas a aceitar as informações de segunda mão de sua vizinha, Lady Lucas.

Seu relato foi muito conveniente. Sir William ficara encantado com ele. Mr. Bingley era muito jovem, maravilhosamente bonito, extremamente agradável e, para coroar tudo isso, pretendia estar no próximo baile com um grande grupo. Nada poderia ser mais agradável! Gostar de dançar era um passo certo para se apaixonar; e grandes esperanças de obter o coração do Mr. Bingley foram acalentadas.

— Se eu puder ver uma de minhas filhas felizmente instalada em Netherfield — disse Mrs. Bennet ao marido — e todas as outras igualmente bem-casadas, não terei mais nada a desejar.

Em poucos dias, Mr. Bingley retribuiu a visita de Mr. Bennet e passou cerca de dez minutos com ele em sua biblioteca. Ele alimentara a esperança de ser admitido a ver as jovens damas, de cuja beleza ouvira falar muito; mas viu apenas o pai. Já as damas foram mais afortunadas, pois tiveram a vantagem de ver de uma janela superior que ele usava um casaco azul e montava um cavalo preto.

Um convite para jantar foi enviado logo depois; e Mrs. Bennet já havia planejado os pratos que fariam jus à sua administração doméstica, quando chegou uma resposta que adiu tudo. Mr. Bingley precisava ir à cidade no dia seguinte e, consequentemente, não poderia aceitar a honra de seu convite etc. Mrs. Bennet ficou bastante desconcertada. Ela não imaginava quais negócios ele poderia ter na cidade tão pouco tempo depois de sua chegada a Hertfordshire; e passou a temer que ele estivesse sempre voando de um lugar a outro, e nunca se estabelecesse em Netherfield como deveria. Lady Lucas acalmou um pouco seus temores ao sugerir que ele teria ido a Londres apenas para trazer um grupo grande para o baile; e logo se seguiu um relato de que Mr. Bingley traria doze damas e sete cavalheiros com ele para o baile. As moças afligiram-se por um número tão grande de damas, mas foram confortadas no dia anterior ao baile ao saber que, em vez de doze, ele trouxera de Londres apenas seis — suas cinco irmãs e uma prima. E quando o grupo entrou no salão de baile, consistia em apenas cinco ao todo: Mr. Bingley, suas duas irmãs, o marido da mais velha, e outro jovem cavalheiro.

Mr. Bingley era bonito e cavalheiresco; tinha um semblante agradável e era complacente e desprezioso. Suas irmãs eram belas mulheres, com um ar de elegância resoluta. Seu cunhado, Mr. Hurst, parecia um cavalheiro de bom porte; mas seu amigo, Mr. Darcy, logo chamou a atenção do salão por sua elegância e estatura alta, feições bonitas,

aparência nobre e pela informação, que circulou cinco minutos depois de sua entrada, de que ele tinha uma renda de dez mil por ano.

Os cavalheiros declararam que ele era um homem bem-afeiçoado, as damas afirmaram que ele era muito mais bonito do que Mr. Bingley, e ele foi visto com grande admiração por cerca de metade da noite, até que seu comportamento causou tamanha repugnância que mudou o rumo de sua popularidade. Descobriu-se, por fim, que ele era orgulhoso e nem toda a sua grande propriedade em Derbyshire poderia salvá-lo de seu semblante antipático e modos desagradáveis, tornando-o indigno de ser comparado com o amigo.

Mr. Bingley logo se familiarizou com a maior parte das pessoas da sala; ele era animado e sem reservas, dançou todas as vezes, ficou frustrado porque o baile terminou tão cedo e falou em dar um em Netherfield. Tais qualidades amáveis falam por si só.

Que disparidade entre ele e seu amigo! Mr. Darcy dançou apenas uma vez com Mrs. Hurst e outra com Miss Bingley, recusou-se a ser apresentado a qualquer outra dama e passou o resto da noite andando pelo salão, conversando ocasionalmente com alguém de seu próprio grupo. Sua personalidade foi definida. Ele era o homem mais orgulhoso e desagradável do mundo, e todos esperavam que ele nunca mais voltasse lá. Entre os mais fervorosos contra ele estava Mrs. Bennet, cuja antipatia por seu comportamento no geral foi transformada em um ressentimento pessoal por ele ter desprezado uma de suas filhas.

Elizabeth Bennet fora obrigada, por falta de cavalheiros, a sentar-se durante duas danças; e no decorrer de parte desse tempo, Mr. Darcy estava perto o suficiente para que ela ouvisse uma conversa entre ele e Mr. Bingley, que deixou a dança por alguns minutos para compelir o amigo a participar.

— Vamos, Darcy — disse ele —, tenho que fazê-lo dançar. Detesto vê-lo parado sozinho dessa maneira estúpida. Seria muito melhor se viesse dançar.

— Definitivamente, não irei. Sabe que detesto dançar, a menos que eu esteja particularmente familiarizado com minha parceira. Em um baile como este, seria insuportável. Suas irmãs já têm pares, e não há outra mulher na sala com quem dançar que não seria um martírio para mim.

— Eu não seria tão exigente quanto você — exclamou Bingley — nem por um reino! Juro-lhe, nunca encontrei tantas moças agradáveis em minha vida como nesta noite; e há várias que são excepcionalmente bonitas.

— *Você* está dançando com a única moça bonita do salão — disse Mr. Darcy, olhando para a Miss Bennet mais velha.

— Ah! Ela é a criatura mais linda que já vi! Mas há uma de suas irmãs, sentada logo atrás de você, que é muito bonita, e ousou dizer muito agradável. Deixe-me pedir à minha parceira para apresentá-lo.

— A quem se refere? — E, virando-se, ele olhou por um momento para Elizabeth, até encontrar seu olhar e, ao desviá-lo, disse friamente: — Ela é tolerável; mas não é bonita a ponto de *me* atrair; e não estou disposto no momento a dar atenção a moças desprezadas por outros homens. É melhor voltar para sua parceira e aproveitar seus sorrisos, pois está perdendo seu tempo comigo.

Mr. Bingley seguiu seu conselho. Mr. Darcy foi embora, e Elizabeth permaneceu com sentimentos não muito cordiais em relação a ele. No entanto, contou a história para as amigas com grande animação, pois tinha um temperamento alegre e brincalhão, que se deleitava com qualquer coisa ridícula.

A noite transcorreu de forma agradável para toda a família. Mrs. Bennet viu a filha mais velha sendo muito admirada pelo grupo de Netherfield. Mr. Bingley havia dançado com ela duas vezes, e ela fora tratada com cordialidade pelas irmãs dele. Jane ficou tão satisfeita quanto sua mãe poderia ficar, embora de uma maneira mais discreta. Elizabeth se alegrou por Jane. Mary ouvira ser mencionada a Miss Bingley como a moça mais talentosa da vizinhança; e Catherine e Lydia tiveram a sorte de nunca ficarem sem parceiros, única coisa que consideravam importante em um baile. Elas voltaram, portanto, de bom humor para Longbourn, o povoado onde moravam e onde eram as principais habitantes. Encontraram Mr. Bennet ainda acordado. Ele perdia a noção do tempo quando lia; e na presente ocasião estava muito curioso a respeito do evento de uma noite que havia suscitado expectativas tão esplêndidas. Acreditava que sua esposa voltaria decepcionada, mas logo descobriu uma história muito diferente para ouvir.

— Ah, meu caro Mr. Bennet — disse ela, enquanto entrava na sala —, tivemos uma noite deliciosa, um baile excelente. Quisera você estivesse lá. Jane foi tão admirada, nada poderia se igualar a isso. Todos comentaram como ela estava linda; Mr. Bingley também a achou muito bonita e dançou com ela duas vezes. Veja só, meu querido! Ele realmente dançou com ela duas vezes; foi a única criatura na sala que ele tirou para dançar uma segunda vez. Primeiro ele tirou Miss Lucas. Fiquei tão irritada ao vê-los juntos, no entanto, ele não apreciou nem um

pouco; na verdade, ninguém poderia, você sabe. Mas ele parecia bastante impressionado com Jane enquanto ela estava dançando. Então ele perguntou quem ela era, foi apresentado e pediu que lhe concedesse as duas próximas danças. As duas terceiras ele dançou com Miss King, as duas quartas com Maria Lucas, e as duas quintas com Jane novamente, e as duas sextas com Lizzy, e a *Boulangier*...

— Se ele tivesse alguma compaixão por *mim* — exclamou o marido impacientemente — não teria dançado tanto! Pelo amor de Deus, não diga mais nada sobre suas parceiras de dança. Ah, se ele tivesse torcido o pé na primeira dança!

— Ah! Meu querido — continuou Mrs. Bennet —, estou encantada por ele. Ele é extremamente bonito! E suas irmãs são mulheres encantadoras. Nunca na vida vi algo mais elegante que seus vestidos. Atrevo-me a dizer que a renda do vestido de Mrs. Hurst...

Aqui ela foi interrompida novamente. Mr. Bennet protestou contra qualquer descrição de elegância. Ela foi, portanto, obrigada a procurar outra ramificação do assunto e relatou, com muita amargura e algum exagero, a chocante grosseria de Mr. Darcy.

— Mas posso garantir a você — acrescentou — que Lizzy não perde muito por não se adequar ao gosto *dele*; pois ele é um homem bastante desagradável, horrível, e a quem não vale a pena agradecer. Tão arrogante e convencido que não havia como suportá-lo! Ele andou para cima e para baixo, achando-se tão grandioso! Ninguém é bonito o suficiente para dançar com ele! Quisera você estivesse lá, meu querido, para colocá-lo em seu devido lugar. Eu o detesto.

Capítulo 4

Quando Jane e Elizabeth ficaram sozinhas, a primeira, que antes havia sido cautelosa em seus elogios a Mr. Bingley, expressou à irmã o quanto o admirava.

— Ele é exatamente o que um jovem deve ser — disse ela —, sensato, bem-humorado, animado; e eu nunca vi modos tão agradáveis! Tãmanha tranquilidade com tão perfeita boa educação!

— Ele também é bonito — respondeu Elizabeth —, o que um jovem também deve ser, se puder. Sua personalidade está, portanto, completa.

— Fiquei muito lisonjeada por ele me convidar para dançar uma segunda vez. Não esperava tamanho elogio.

— Não? Pois *eu* esperava por você. Mas essa é a grande diferença entre nós. Elogios sempre pegam *ocê* de surpresa, e a *mim* nunca. Nada mais natural que ele lhe pedir para dançar novamente. Ele não pôde deixar de notar que você era cerca de cinco vezes mais bonita que qualquer outra mulher no salão. E não graças à galhardia dele. Bem, ele certamente é muito agradável, e eu lhe dou permissão para gostar dele. Afinal, você já gostou de pessoas bem mais estúpidas.

— Ora, Lizzy!

— Ah! Você é muito propensa, sabe, a gostar das pessoas no geral. Você nunca vê defeito em ninguém. Todo mundo é bom e agradável aos seus olhos. Nunca ouvi você falar mal de um ser humano sequer em toda a minha vida.

— Eu apenas prefiro não ser precipitada ao censurar alguém; mas sempre falo o que penso.

— Eu sei; e é *isso* que me espanta. Com *seu* bom senso, ser tão completamente cega aos disparates e tolices dos outros! A candura afetada é bastante comum; pode-se vê-la em todos os lugares. Mas ser cãndida sem ostentação ou pretensão, ver o lado bom do caráter de todos e torná-lo ainda melhor, e não dizer nada do lado mau, isso é algo só seu. E então, você também gosta das irmãs desse homem, não é? Os modos delas não são nada iguais aos dele.

— Certamente não; à primeira vista. Mas são mulheres muito agradáveis depois que você conversa com elas. Miss Bingley irá morar com o irmão e cuidar da casa dele; e estarei muito enganada sobre ela se não tivermos uma vizinha muito encantadora.

Elizabeth ouviu em silêncio, mas não se convenceu. O comportamento delas no baile não fora calculado para agradar a todos. Dotada de mais perspicácia e um temperamento menos maleável que o de sua irmã, e com um julgamento não influenciável por qualquer atenção a si mesma, ela estava pouco disposta a aprová-las. Eram, de fato, damas muito elegantes; não lhes faltava bom humor quando satisfeitas, nem o poder de serem agradáveis quando assim queriam; mas eram orgulhosas e vaidosas. Também eram muito bonitas e tinham sido educadas em um dos melhores colégios particulares da cidade. Possuíam uma fortuna de vinte mil libras, costumavam gastar mais do que deveriam e se associar com pessoas de alto escalão. Acreditavam-se, portanto, em todos os aspectos, autorizadas a pensar bem de si mesmas e

maldosamente dos outros. Eram de uma família respeitável no norte da Inglaterra; uma circunstância mais profundamente enraizada em suas memórias do que o fato de a fortuna de seu irmão e a sua própria terem sido adquiridas pelo comércio.

Mr. Bingley herdara um patrimônio no valor de quase cem mil libras de seu pai, que pretendia comprar uma propriedade, mas não viveu para fazê-lo. Mr. Bingley pretendia fazer o mesmo, e às vezes chegava a escolher seu condado; mas como agora tinha uma boa casa e a liberdade proporcionada por uma casa de campo, muitos entre os que melhor conheciam a tranquilidade de seu temperamento acreditavam que ele poderia passar o resto de seus dias em Netherfield e deixar para a próxima geração efetuar a compra.

Suas irmãs estavam muito ansiosas para que ele tivesse uma propriedade particular. Embora no momento Mr. Bingley estivesse se estabelecido apenas como inquilino, Miss Bingley não relutava de forma alguma em presidir sua mesa; e Mrs. Hurst, que havia se casado com um homem mais elegante do que afortunado, não estava menos disposta a considerar a casa como sua quando lhe convinha. Não tinham se passado nem dois anos desde que Mr. Bingley atingira a maioria quando ele recebeu uma recomendação ocasional para dar uma olhada em Netherfield House. De fato, ele foi visitá-la e, em meia hora, ficou encantado com sua condição e com os quartos principais, satisfeito com os elogios que o proprietário fizera a casa, e aceitou-a imediatamente.

Entre ele e Darcy havia uma amizade muito forte, apesar da grande diferença de gênios. Bingley era querido por Darcy por sua tranquilidade, franqueza e temperamento maleável, ainda que tais características não pudessem oferecer um contraste maior com as suas próprias maneiras — com as quais, no entanto, Darcy não parecia estar descontente. Na força da consideração de Darcy, Bingley tinha grande confiança e, por seu julgamento, o maior respeito. Em termos de conhecimento, Darcy era superior. Bingley não era de forma alguma deficiente nesse aspecto, mas Darcy era inteligente. Ele era ao mesmo tempo altivo, reservado e meticuloso, e seus modos, embora bem-educados, não eram convidativos. Nesse quesito, seu amigo tinha grande vantagem. Bingley tinha a certeza de ser querido aonde quer que fosse, já Darcy estava continuamente causando ultraje.

A maneira como falaram do baile de Meryton foi bastante característica. Bingley nunca conheceu pessoas mais agradáveis ou moças mais bonitas

em sua vida; todos foram muito gentis e atenciosos com ele; não houve formalidade, nem rigidez; ele logo se familiarizou com todos no salão. Quanto a Miss Bennet, ele não poderia imaginar um anjo mais belo. Darcy, ao contrário, tinha visto um grupo de pessoas nas quais havia pouca beleza e nenhum senso de moda, pelas quais ele não sentira o menor interesse e de nenhuma recebera atenção ou prazer. Ele reconheceu que Miss Bennet era bonita, mas ela sorria demais.

Mrs. Hurst e sua irmã concordaram, mas ainda assim a admiravam, gostavam dela e diziam que era uma moça doce, contra a qual elas não tinham nenhuma objeção em conhecer melhor. Miss Bennet foi, portanto, estabelecida como sendo uma moça doce, e seu irmão sentiu-se autorizado por tal elogio a pensar nela como bem entendesse.

Capítulo 5

A uma curta caminhada de Longbourn, vivia uma família de quem os Bennets eram relativamente próximos. Sir William Lucas fora anteriormente um comerciante em Meryton, onde fizera uma fortuna razoável, e ascendeu à honra de cavaleiro por um discurso ao rei durante sua prefeitura. A honra talvez lhe tivesse dado uma impressão forte demais. Isso lhe gerou desgosto por seus negócios e por sua residência em uma pequena cidade mercantil; e, deixando ambos, mudou-se com a família para uma casa a cerca de dois quilômetros de Meryton, denominada, daquele período em diante, Lucas Lodge, onde podia se deleitar pensando em sua própria importância e, livre dos negócios, ocupar-se apenas em ser cordial com todo mundo. Pois, embora exaltado por sua posição, isso não o tornara arrogante; pelo contrário, ele era muito atencioso com todos. Por natureza inofensivo, amigável e prestativo, sua apresentação no palácio de St. James o tornou cortês.

Lady Lucas era um ótimo tipo de mulher, mas não muito inteligente a ponto de ser uma vizinha valiosa para Mrs. Bennet. Tinha vários filhos. A mais velha, uma jovem sensata e inteligente, com cerca de vinte e sete anos, era uma amiga próxima de Elizabeth.

Que as Miss Lucas e as Miss Bennets se encontrassem para conversar depois de um baile era absolutamente necessário. Na manhã seguinte, Mrs. Lucas e sua filha foram a Longbourn para ouvir e contar.